

Serra ataca "ortodoxia" da política econômica

Economia - Brasil

César Felício
De São Paulo

Menos de um mês depois do bom resultado da oposição nas eleições municipais de outubro, a política econômica do ministro da Fazenda, Pedro Malan, volta a ser contestada pelos tucanos, correligionários do presidente Fernando Henrique Cardoso. O combate à ortodoxia econômica foi reforçado dentro do PSDB por uma de suas principais estrelas. O ministro da Saúde, José Serra, uma das esperanças do partido para manter a Presidência da República em 2002, assumiu a defesa do desenvolvimentismo, durante homenagem na noite de anteontem ao falecido ministro das Comunicações Sérgio Motta, no Museu da Imagem e do Som de São Paulo.

Na noite anterior, o ex-ministro das Comunicações Luiz Carlos Mendonça de Barros já havia feito duras críticas a Malan, sendo desautorizado pela cúpula partidária no dia seguinte. Sem atacar diretamente a ninguém, Serra defendeu a mesma tese de prioridade ao crescimento econômico, fomento ao capital nacional e maior presença do Estado exposta pelo ex-ministro, mas desta vez frisando que estava longe de ser um franco-atirador, e falava em nome de uma corrente de pensamento. "Esta não é uma idéia pessoal, mas o ideário de muitos", afirmou.

O ministro ironizou a tese de que a consolidação da estabilidade econômica fomenta o desenvolvimento, já exposta várias vezes tanto por Malan como por integrantes de sua equipe. "Muita gente torce o nariz para o crescimento e já vi até elogios aos que dizem que o Brasil precisa perder a mania de crescer", disse Serra. "O crescimento econômico não pode ser o resíduo de um processo, ele tem que ser o objeto de uma política deliberada", concluiu, lamentando que "política industrial no Brasil virou um anátema".

Durante a exposição, o ministro demonstrou que sua intimidade com os antigos assessores e amigos de Motta era total. Fez questão de prestigiar o seu principal assessor, o ex-presidente da Empresa de Correios e Telégrafos (ECT), Egydio Bianchi, que deixou o cargo rompido com o governo. Lembrou que conviveram na adolescência no bairro da Moóca, fizeram o curso colegial juntos e trabalharam em parceria no movimento estudantil nos anos 60.

Ao encerrar, Serra empolgou a platéia ao fazer uma profissão de fé: "O Estado nacional existe e tem que ter um projeto de desenvolvimento, como condição de se conseguir a justiça social, com a igualdade como Norte", terminou. "Há um corpo de doutrina que começa a ser consolidado.", festejou o secretário de Trabalho

de São Paulo Walter Barelli, um dos organizadores da "Semana Sérgio Motta", promovida pelo recém-criado Instituto de mesmo nome.

Incisivo ao falar para o público interno, Serra foi lacônico com a imprensa. Minutos antes de discorrer sobre desenvolvimentismo para os tucanos, garantiu que este era um tema banido em suas entrevistas. Limitou-se a sorrir quando pediram para que comentasse sobre a avaliação de Mendonça de Bar-

ros sobre a substituição do PFL pelo PMDB como parceiro preferencial para 2002. "O debate sobre a sucessão interessa agora mais à imprensa do que ao partido, o que é natural. Não sei quando será o tempo de tratar disto, mas sei que não é agora", afirmou.

Visto como outra opção tucana dentro do governo para a presidência em 2002, o ministro da Educação, Paulo Renato Souza, colocou-se o tempo todo em posição defensiva ao palestrar

em homenagem a Motta logo depois de Serra. Evitou o debate desenvolvimentista e procurou justificar a queda do nível do ensino básico divulgada esta semana pelo próprio ministério.

Enquanto Serra em nenhum momento mencionou assuntos da sua pasta, Educação foi o único tema da exposição de Paulo Renato. Ele reiterou que o resultado era natural, já que a inclusão maciça de crianças fora da rede escolar provocaria uma redução do desempenho médio.

Valor Econômico 30/11/00